



Caracterização e discussão da participação feminina na agricultura familiar no Município de São João del-Rei, Minas Gerais

Characterization and discussion female participation in Family farming in the Municipality of São João del-Rei, Minas Gerais

Lucas Rodrigues Souza ¹ 

Ivair Gomes ² 

Renan Pereira Almeida ³ 

Arlon Cândido Ferreira ² 

Resumo

A agricultura familiar tem sido item de intensos debates, sobretudo em relação à participação feminina e ao seu impacto econômico e social. Apesar dos progressos, as mulheres ainda não têm o reconhecimento devido em suas contribuições para este setor. Portanto, o objetivo deste estudo é investigar as características empreendedoras das mulheres nas áreas rurais de São João del-Rei, considerando o contexto territorial e as dinâmicas de gênero. Com uma abordagem que combina pesquisa exploratória, descritiva e explicativa, entrevistas com os produtores e as produtoras, procurando fornecer uma visão mais precisa do trabalho das mulheres na agricultura familiar de São João del-Rei, enfatizando a relevância, reconhecimento e valorização de suas contribuições.

Palavras-chave: desigualdade de gênero; agricultura familiar; empreendedorismo feminino; agroecologia; mulheres agricultoras.

Abstract

Family farming has been the subject of intense debate, especially in relation to female participation and its economic and social impact. Despite progress, women still do not receive due recognition for their contributions to this sector. Therefore, it is essential to carry out studies that analyze and better understand the role of women in agriculture, recognizing them as active agents in the process. The objective of this study is to investigate the entrepreneurial characteristic of women in rural areas of São João del-Rei, considering the territorial context and gender dynamics. With an approach that combines exploratory descriptive, and explanatory research, the objective is to provide a more

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais e Professor da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerias. E-mail: prof.dr.lucasgeo@gmail.com

² Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mails: ivair@ufsj.edu.br; arlon@ufsj.edu.br

³ Professor Adjunto do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: renan@ufsj.edu.br

accurate view of women's work in family farming in São João del-Rei, emphasizing the relevance, recognition, and appreciation of their contributions.

Keywords: gender inequality; family farming; female entrepreneurship; agroecology; women farmers.

Introdução

A agricultura familiar é uma forma de produção rural na qual os meios de produção são controlados pela família, que desempenha o papel principal no trabalho (Mesquita, 2013). Essa prática agrícola foi predominante em países como a Dinamarca e o Japão nos séculos XVIII e XX, respectivamente. No Brasil, o conceito de agricultura familiar emergiu através dos movimentos sociais, sendo os principais impulsionadores das conquistas nesse domínio (Sangalli; Schlidein, 2013). A partir dos anos 2000, o governo implementou várias políticas de intervenção social para fortalecer a agricultura familiar, incluindo o Programa de Garantia de Safra (2002), o Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar (PGPAG, 2006), o Plano Safra da Agricultura Familiar (2003/2004) e a Lei nº 11.326, conhecida como a Lei da Agricultura Familiar (Diniz; Castro Neto; Hespanhol, 2016). Essas políticas foram essenciais para a integração da agricultura familiar na economia capitalista, possibilitando a adoção de inovações tecnológicas e o acesso ao capital essencial para a produção camponesa (Abramovay, 1998).

Conforme o último Censo Agropecuário (IBGE, 2017), aponta que 77% dos estabelecimentos agrícolas do país foram classificados como de agricultura familiar. Ainda segundo as estatísticas, a agricultura familiar empregava mais de 10 milhões de pessoas em 2017, correspondendo a 67% do total de pessoas ocupadas na agricultura, sendo responsável pela renda de 40% da população economicamente ativa.

A presença do capitalismo na agricultura está propiciando um processo de homogeneização social econômica nas áreas rurais, infringindo novos padrões de consumo que se estendem até os locais mais remotos do interior do Brasil (Schneider, 2003). Alguns argumentam que as unidades familiares rurais poderiam ser tratadas como entidades capitalistas, sujeitas aos mesmos princípios econômicos. No entanto, essa abordagem negligencia a singularidade dos agricultores familiares e as relações de

produção específicas. Os meios de produção não estão sob controle do sistema, mas sim dos trabalhadores familiares, o que os define como unidades produtoras não capitalistas.

Para além de sua importância econômica e do fato de ser uma significativa fonte de renda para diversas famílias que residem em áreas rurais, a atividade agrícola também desempenha um papel crucial na garantia da segurança alimentar e no fomento do crescimento econômico de comunidades e municípios. Isso pode ser visto no mercado consumidor para a atividade agrícola que difere do mercado consumidor existente para as populações urbanas e atividades industriais. Portanto, ações voltadas à igualdade de produção e diminuição da problemática rural não surtem o efeito desejado (Melo, 2006). A economia solidária, por exemplo, é mais próxima da agricultura familiar do que a economia convencional, porque envolve a autogestão, certificação social, distribuição igualitária de benefícios, mercados locais, políticas de crédito solidário e redes de trocas, auxiliando os produtores rurais a gerarem mais rendas (Melo, 2006).

Na agricultura familiar, quem desenvolve a maioria dessas atividades são os membros de uma mesma família em todas as etapas da produção. Isso inclui desde o cultivo das lavouras e o cuidado com os animais até as atividades de gestão e comercialização dos produtos. Mas a participação da mulher nessas atividades laborais e de gestão talvez ainda não esteja completamente elucidada. A mulher, ao longo da história, sempre teve um papel extremamente relevante no processo de produção primária no Brasil. Historicamente, o trabalho rural, que se concentra principalmente na agricultura familiar e/ou subsistência, teve o trabalho feminino como um elemento fundamental. Com o crescimento urbano e industrial brasileiro, a partir da década de 1940, houve grandes mudanças nas áreas rurais e, com esse êxodo, o papel da mulher tornou-se multifuncional, inclusive para a parcela que permaneceu fora do espaço urbano. No Brasil, a partir dos anos 80 e 90, as principais demandas eram em torno dos direitos iguais e demandas referentes à terra na reforma agrária, acesso aos direitos sociais, especialmente à previdência social e reconhecimento das agricultoras (Butto, 2017). A título de exemplo, podemos destacar os fatos de que a participação feminina nas modalidades do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) alcançou 80% em 2019 (Brasil, 2020) e de que atualmente quase um milhão de mulheres são responsáveis pela administração de propriedades rurais no país (IBGE, 2017).

Diante deste cenário, surgiu uma nova perspectiva em relação ao papel econômico e social efetivo das mulheres na agricultura familiar. Elas sempre buscaram na história a valorização de seu espaço, apesar de estarem sujeitas a uma cultura discriminatória em relação ao gênero. Este cenário, situado no meio rural brasileiro, é influenciado pela cultura patriarcal, na qual as mulheres estão sujeitas a atividades domésticas e reprodutivas. Apesar da mulher no meio rural desempenhar um papel preponderante, enfrentam os mesmos desafios que as mulheres da cidade, com a jornada dupla de trabalho, baixos salários – mesmo ocupando posições iguais e com as mesmas qualificações (Silva, 2003).

Dada a importância de seu papel, é imperativo reconhecer a mulher como uma participante ativa e central na sustentação da renda e da vida nas áreas rurais. É essencial, portanto, investigar e compreender a contribuição efetiva das mulheres agricultoras familiares na geração de renda e empregos, na promoção da economia solidária, no estímulo a empreendimentos coletivos e na gestão de unidades de produção. Saliente-se que o conceito de gênero, como abordado nas Ciências Sociais a partir das discussões do feminismo, é fundamental para entender como as identidades e papéis de gênero são construídos socialmente. Ele destaca que as características atribuídas ao feminino e ao masculino não são apenas produto da biologia, mas sim reflexo de normas, valores e expectativas sociais que variam ao longo do tempo e entre diferentes culturas (Calió, 1997).

Essas normas de gênero influenciam comportamentos, relações e oportunidades, muitas vezes perpetuando desigualdades e estereótipos. Além disso, o conceito de gênero nos leva a questionar e desafiar as estruturas de poder que sustentam essas normas.

Assim, a análise de gênero se torna uma ferramenta poderosa para compreender as dinâmicas sociais, promovendo uma reflexão crítica sobre como construímos nossas identidades e como podemos trabalhar por uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Tendo isso em conta, este estudo visa avaliar o perfil das mulheres empreendedoras no meio rural do município de São João del-Rei, Minas Gerais. Buscamos descrever e caracterizar sua participação nesse contexto, destacando a importância de considerar a perspectiva de gênero para uma compreensão mais completa e precisa de seu papel na economia rural.

Material e Métodos

A metodologia adotada neste estudo fundamentou-se em uma proposta de pesquisa exploratória, descritiva e explicativa. Buscamos familiarizar e reconhecer os fatores associados à participação das mulheres na atividade agrícola, utilizando uma abordagem que combina análise quantitativa e qualitativa.

Este estudo se enquadra como uma pesquisa aplicada, centrada em uma análise crítica da caracterização do trabalho feminino na agricultura familiar, mediante uma abordagem do espaço relacional. De acordo com Souza (2016), o espaço relacional é definido como a interação entre as pessoas e o espaço físico, visando compreender o fenômeno da interação pessoa-espaço-pessoa e identificar as características espaciais que atendam às necessidades identificadas de forma significativa.

Nesse contexto, adotamos o procedimento técnico de pesquisa do tipo *Survey* (Babbie, 2003) para a coleta de dados, o qual objetivamente visa descrever, explicar e/ou explorar características variáveis de uma população por meio de uma amostra estatisticamente extraída desse universo. O questionário foi elaborado com base no embasamento teórico sobre o tema. Seguindo o critério de acessibilidade (Malhotra, 2012), os questionários foram distribuídos entre os residentes dos distritos rurais de São João del-Rei. Essa abordagem incluiu tanto homens quanto mulheres dos distritos, além daqueles que comercializam seus produtos na área urbana. No meio rural, geralmente o homem que tem papel de chefe de família, considerado o responsável pela sobrevivência da mesma e, na ausência do pai, o filho ou outro membro da família preferencial do sexo masculino (Mesquita, 2013). A própria história explica o procedimento cultural de inserção do homem como responsável e principal autoridade na unidade familiar (Carneiro, 2001). Dessa forma, é justificada a entrevista com alguns homens.

O objetivo foi coletar dados primários que contribuíssem para uma compreensão mais profunda da prática da agricultura familiar nesses contextos. Esta pesquisa foi conduzida levando em consideração os princípios éticos conforme estabelecidos pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (Ministério da Saúde, 2012). Os procedimentos foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São João del-Rei, por meio do Parecer 4.134.050 e Certificado

de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 4058062.5.0000.5545. Assim, a pesquisa foi conduzida para garantir o anonimato dos entrevistados, sendo estruturada para identificar tanto o perfil socioeconômico quanto as percepções dos participantes.

Nesse contexto, o estudo buscou, além da coleta de dados por meio de pesquisa de campo, realizar uma revisão bibliográfica abrangente sobre a participação das mulheres na agricultura como uma via para o desenvolvimento. Seguindo as diretrizes de Yin (2016), essa revisão demandou uma postura crítica diante das diversas perspectivas apresentadas na literatura. Durante essa abordagem metodológica, foram examinados estudos relacionados à agricultura familiar no Brasil, em especial em Minas Gerais, bem como em outros países periféricos. É importante destacar que o município de São João del-Rei possui a maior parte de seu território em áreas rurais, justificando a relevância do estudo da prática agrícola entre seus produtores, considerando especialmente a escassez de registros e estudos sobre essa temática no próprio município.

O registro da contribuição da produção agrícola feminina para a metodologia de desenvolvimento regional deve ser integrado a este estudo. Portanto, com base nos resultados obtidos por meio dos questionários, uma análise descritiva dos dados foi realizada, possibilitando sua comparação com o referencial teórico e dados oficiais. Espera-se, assim, contribuir para uma melhor compreensão do impacto da participação das mulheres na agricultura familiar. Através desses resultados, almeja-se fornecer informações para análises adicionais nesse campo, auxiliando no entendimento dos benefícios e desafios enfrentados pelas mulheres nesse contexto específico.

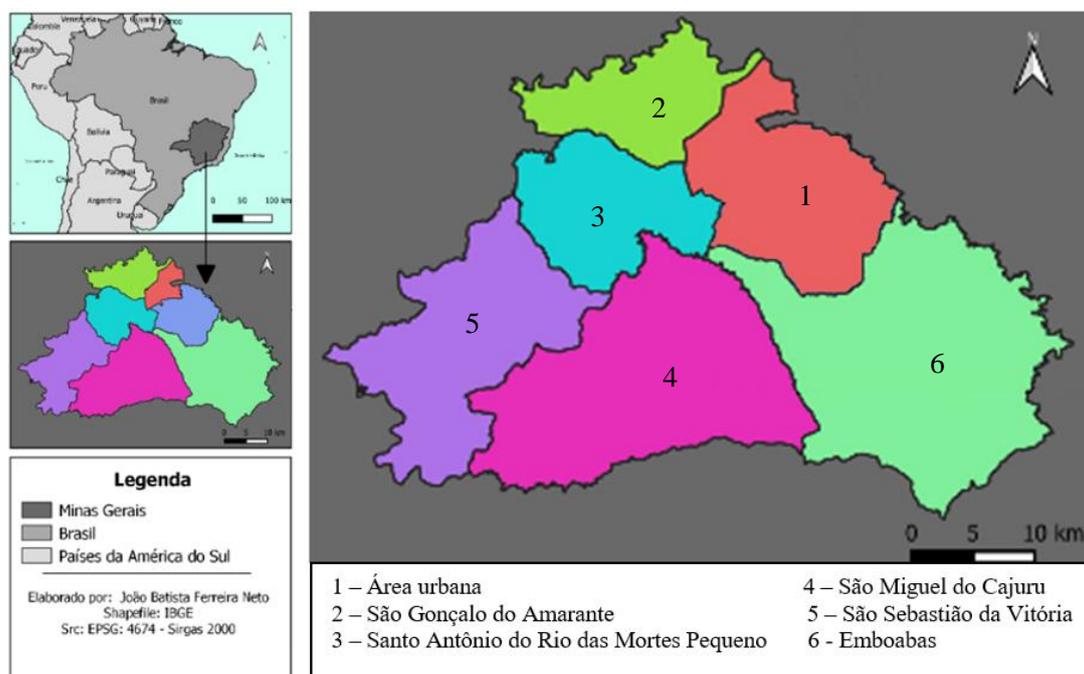
Caracterização do território estudado

Chamado inicialmente de Arraial Novo do Rio das Mortes – um povoado que surgiu nos fins do século XVIII, na rota dos bandeirantes que desbravaram a futura Minas Gerais - São João del-Rei foi uma das principais cidades do Ciclo do Ouro, devido a dois fatores: sua localização no Caminho do Sertão e o mais importante, as descobertas de ouro em seu território, sendo cogitado ser a capital dos sonhos libertários dos Inconfidentes Mineiros (UFSJ, 2016). Desde a sua formação, desenvolveu-se uma vasta produção mercantil de gêneros alimentícios, resultando tanto das atividades agrícolas

quanto da pecuária, o que possibilitou o contínuo crescimento da localidade, após a decadência do Ciclo do Ouro.

Ao longo dos anos desde sua fundação, a divisão territorial do município de São João del-Rei tem passado por contínuas reconfigurações, resultando na criação e desaparecimento de diversos distritos em seu território. Essas alterações territoriais têm impactado significativamente a compreensão do crescimento populacional e, conseqüentemente, o desenvolvimento da região, conforme destacado por Brugger (2007). De acordo com Graça Filho (2002, p. 35), há notórias distinções nos distritos de São João del-Rei ao longo do tempo: em 1821, o município contava com 57 distritos, em 1835 contava com 17 e, em 1855, com 14 distritos. Atualmente, o município de São João del-Rei é subdividido em uma sede (urbana) e em cinco distritos rurais (Mapa 1, Tabela 1), a saber: Emboabas (conhecido popularmente como Onça); Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno (conhecido como Rio das Mortes); São Gonçalo do Amarante (conhecido como Caburu); São Miguel do Cajuru (conhecido como Arcângelo); e São Sebastião da Vitória. Cada um desses distritos apresenta características paisagísticas, culturais e de infraestrutura peculiares.

Mapa 1 – Divisão distrital do município de São João del-Rei



Fonte: IBGE, 2022.

Elaboração: Ferreira Neto, 2022.

Tabela 1 – Dados gerais dos distritos rurais de São João del-Rei

Distrito	Área (km ²)	Distância da sede municipal (km)	População (Sede distrital)	População (povoados no entorno da sede)
Emboabas	404	34	727 habitantes (311 mulheres)	573 habitantes (258 mulheres)
Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno	148	11	2746 habitantes (311 mulheres)	1191 habitantes (576 mulheres)
São Gonçalo do Amarante	119	19	1035 habitantes (478 mulheres)	770 habitantes (355 mulheres)
São Miguel do Cajuru	349	34	1106 habitantes (533 mulheres)	636 habitantes (289 mulheres)
São Sebastião da Vitória	241	23	2208 habitantes (1091 mulheres)	801 habitantes (377 mulheres)

Fonte: IBGE, 2022.

Resultados

Perfil geral das entrevistadas

Embora a intenção seja estudar a contribuição feminina na agricultura familiar, optou-se por também incluir os homens, objetivando ampliar a base de dados necessárias para a discussão. Assim, foram aplicados 106 questionários nos distritos rurais de São João del-Rei, com entrevistas realizadas com 42 homens e 64 mulheres. No distrito de São Miguel do Cajuru, foram realizadas 22 entrevistas, das quais 14 foram com mulheres. Nesse total, 21,42% das mulheres e 25% dos homens utilizam o plantio para venda, enquanto os demais praticam agricultura de subsistência. No distrito de Emboabas, foram entrevistadas 22 pessoas, das quais 12 eram mulheres, e nenhuma delas utiliza o plantio para venda, enquanto apenas 1 homem vende seus produtos cultivados. No distrito do Rio das Mortes, foram entrevistadas 22 pessoas, incluindo 14 mulheres, sendo que 14,28% das mulheres e 30% dos homens utilizam o plantio para venda. No distrito do Cajuru, foram entrevistadas 19 pessoas, das quais 11 eram mulheres, e 63,63% delas utilizam o plantio para venda, enquanto 12,5% dos homens vendem seus produtos cultivados. Em São Sebastião da Vitória, foram entrevistadas 21 pessoas, incluindo 13 mulheres, e 23,07% das mulheres utilizam o plantio para venda, enquanto nenhum homem vende seus produtos. O fato de as mulheres serem responsáveis por atividade produtiva e pela venda contraria algumas premissas, como, por exemplo, Heredia (1979), Moura (1978), Gasson

e Errington (1993), de que ela seria responsável pelos trabalhos domésticos e os homens seriam provedores da casa.

O Quadro 1 demonstra os principais produtos agrícolas produzidos, por distrito e gênero.

Quadro 1 – Principais produtos agrícolas produzidos por distrito

	Emboabas	Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno	São Gonçalo do Amarante	São Miguel do Cajuru	São Sebastião da Vitória
Produção feminina	Cebolinha, couve, milho e feijão	Cebolinha, couve, quiabo, laranja e mandioca	Cebolinha, couve, salsa, banana e alface	Laranja, cebolinha, couve, chuchu, mandioca, jabuticaba e milho	Cebolinha, couve e quiabo
Produção masculina	Couve, milho, mandioca e cebolinha	Couve, banana, laranja, alface e cebolinha	Couve, salsa e manga	Couve, feijão e milho	Alface, banana e couve

Fonte: Autores, 2022.

No distrito de São Miguel do Cajuru, a idade média das entrevistadas é de 49,78 anos, com uma média de 2,14 filhos por residência. Em Emboabas, a média de idade das entrevistadas é de 54,66 anos, e a média de filhos por residência é de 2,58. No distrito do Rio das Mortes Pequeno, a idade média das entrevistadas é de 56,08 anos, com uma média de 2,14 filhos por residência. No distrito de São Gonçalo do Amarante, a média de idade das entrevistadas foi de 56,90 anos, com 2,36 filhos. Já em São Sebastião da Vitória, a média de idade é de 50 anos, e a média de filho por residência é de 1,38. Percebe-se uma idade média superior à nacional, que, segundo o IBGE (2017), é de 46,5 anos.

As Tabelas a seguir demonstram a escolaridade (Tabela 2), estado civil (Tabela 3), renda (Tabela 4) e tempo de moradia (Tabela 5) em cada distrito.

Tabela 2 – Escolaridade das entrevistadas por distrito

Distrito Escolaridade	Emboabas	Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno	São Gonçalo do Amarante	São Miguel do Cajuru	São Sebastião da Vitória
Ensino Básico	58,34%	78,58%	18,18%	64,28%	69,24%
Ensino Fundamental	25%	-	54,55%	21,42%	7,69%
Ensino Médio	8,33%	21,42%	9,09%	-	7,69%
Ensino Superior	-	-	-	7,15%	7,69%
Não estudaram	8,33%	-	18,18%	7,15%	7,96%

Fonte: Autores, 2022.

Tabela 3 – Estado civil das entrevistadas por distrito

Distrito Estado civil	Emboabas	Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno	São Gonçalo do Amarante	São Miguel do Cajuru	São Sebastião da Vitória
Solteira	16,66%	-	9,09%	28,57%	23,07%
Casada	58,34%	71,44%	72,73%	71,43%	69,24%
Viúva	8,33%	7,14%	9,09%	-	7,29%
Divorciada	16,66%	21,42%	9,09%	-	-

Fonte: Autores, 2022.

Tabela 4 – Renda das entrevistadas por distrito

Distrito Renda	Emboabas	Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno	São Gonçalo do Amarante	São Miguel do Cajuru	São Sebastião da Vitória
Até 1 salário	83,34	50	81,82	92,85	61,55
1 a 2 salários	8,33	50	9,09	7,15	30,75
2 a 3 salários	8,33	-	-	-	7,69
Acima de 3 salários	-	-	9,09	-	-

Fonte: Autores, 2022.

Tabela 5 – Tempo médio de moradia das entrevistadas por distrito.

Distrito \ Tempo médio	Emboabas	Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno	São Gonçalo do Amarante	São Miguel do Cajuru	São Sebastião da Vitória
Menos de 10 anos	25%	21,42%	36%	7,15%	15,3%
11 a 20 anos	25%	7,14%	-	21,42%	15,38%
21 a 30 anos	-	14,28%	-	-	15,38%
31 a 40 anos	16,66%	14,28%	18,18%	42,85%	15,38%
41 a 50 anos	16,66%	7,14%	-	14,28%	15,38%
51 a 60 anos	16,66%	14,28%	27,27%	7,15%	7,69%
Acima de 60 anos	-	21,43%	18,18%	7,15%	15,38%

Fonte: Autores, 2022.

Além das informações gerais catalogadas, organizadas e representadas anteriormente, outras questões relacionadas à vivência, dificuldade, ocupações e motivações no meio rural foram catalogadas e descritas abaixo. Devido às peculiaridades dessas informações, elas foram descritas por distrito.

Distrito de Emboabas

As entrevistadas revelaram uma diversidade de ocupações ao longo da vida das entrevistadas. Cerca de 33% delas trabalham na agricultura ou em atividades relacionadas ao campo, enquanto 25% dedicam-se ao lar sem remuneração. Outros 33% estão envolvidos em trabalhos domésticos e 8,33% atuam como profissionais liberais. Em relação aos companheiros das entrevistadas, a maioria (77,78%) está envolvida na agricultura ou em atividades agrícolas, 11,11% trabalham no comércio ou em outros serviços, e 11,11% estão em atividades informais.

As agricultoras foram questionadas sobre os motivos que as levaram a investir na área agrícola. A maioria (58,34%) citou razões hereditárias, enquanto 16,66% mencionaram a busca por renda, outros 16,66% referiram-se a satisfações pessoais e 8,33% mencionaram a busca por uma alimentação saudável. Quanto às dificuldades enfrentadas, metade das entrevistadas afirmou não enfrentar dificuldades significativas. No entanto, entre aqueles que relataram dificuldades, as principais foram o trabalho

cansativo (16,66%), a falta de orientação técnica (8,33%), as condições climáticas adversas (8,33%), as pragas (8,33%) e problemas com insumos agrícolas (8,33%).

Duas entrevistadas admitiram sentir-se discriminadas devido ao trabalho no cultivo. Uma delas relatou se sentir julgada por sua família devido à sua situação financeira, enquanto a outra mencionou ser chamada de “feia” devido às mãos sujas do trabalho agrícola. No entanto, apesar desses desafios, a média de satisfação das entrevistadas em relação ao trabalho na agricultura familiar foi alta, atingindo 4,83 numa escala de 1 a 5.

Quanto questionadas sobre o que gostam no distrito onde vivem, as entrevistadas apresentam uma variedade de respostas. A maioria (43,75%) aprecia a tranquilidade do local, enquanto 18,75% têm uma forte identificação com a comunidade. Alguns (18,75%) expressaram gostar do distrito, embora enfrentem desafios na geração de renda, e outros mencionaram a satisfação do trabalho agrícola (6,25%). No entanto, 15,5% das entrevistadas afirmaram não gostar do local.

Por fim, as principais motivações das entrevistadas para continuar trabalhando na agricultura incluem suas habilidades pessoais, o aprendizado transmitido de forma familiar, a oportunidade de gerar renda, o prazer em cuidar do meio ambiente, a satisfação pessoal e a possibilidade de ter uma alimentação livre de agrotóxicos (Figura 1). A grande maioria (75%) pretende continuar na agricultura familiar. Quando perguntadas sobre o que gostariam de mudar em relação ao seu trabalho agrícola, as respostas variam, com 33,34% desejando ter mais insumos, 16,66% desejando aumentar a área de suas propriedades, 8,33% buscando mais parcerias e 8,33% almejando aumentar a produtividade.

Figura 1 – Registro de cultivar em Emboabas



Fonte: Autores, 2022.

Distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno

As entrevistadas compartilharam sobre suas atividades profissionais. A maioria (64,29%) trabalha em casa, enquanto 14,28% estão envolvidos na agricultura ou em atividades relacionadas ao campo (Figura 2). Outros 14,285 dedicam-se a trabalhos domésticos e 7,14% trabalham como profissionais liberais. Em relação aos companheiros das entrevistadas, 36,70% estão na agricultura ou em atividades agrícolas, 27,27% na construção civil e 9,09% em serviços domésticos. Além disso, 9,09% trabalham no comércio, 9,09% são autônomos e 9,09% não responderam.

Figura 2 – Canteiro de agricultor em Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno



Fonte: Autores, 2022.

As agricultoras foram questionadas sobre os motivos que as levaram a investir na atividade agrícola. Cerca de 28,58% apontam razões hereditárias, 21,42% mencionam a subsistência, enquanto 14,28% são proprietárias de terras. Outros motivos incluem a geração de renda (7,145), a busca por uma alimentação saudável (7,14%). Entre os homens que trabalham na agricultura, 30% mencionaram motivos hereditários, 20% buscavam sustento, 20% estavam ligados à posse de terras, 10% visavam a renda extra e 10% considerava a agricultura um hobby ou atividade de lazer.

Quanto às dificuldades enfrentadas pelas agricultoras, 35,72% mencionaram problemas com pragas, enquanto 21,42% não relataram dificuldades específicas. Outros desafios incluíram problemas com adubos, mudas, máquinas ou ferramentas (14,28%), baixo valor do produto final (7,14%), escassez de água (7,14%), trabalho exaustivo (7,14%) e falta de orientação técnica. Entre os homens, apenas 10% citaram problemas com pragas, enquanto 50% enfrentaram dificuldades com mudas, maquinários ou

ferramentas. Além disso, 10% mencionaram o baixo valor do produto final, 10% escassez hídrica e 10% desgaste com crescimento de mato ou ervas daninhas.

Quanto perguntadas se se sentiam discriminadas pelo trabalho no cultivo, todas as entrevistadas responderam negativamente, e duas delas ainda mencionaram receber elogios de outras pessoas pelo seu trabalho. Quando ao grau de satisfação em trabalhar na agricultura familiar, numa escala de 1 a 5, a média foi de 4,58.

Sobre o gosto de viver no distrito, são mencionados 22 tipos de argumentos. A maioria (40,91%) destacou a tranquilidade do local, enquanto 22,72 têm uma forte identidade com o lugar. Além disso, 13,63% sentem-se segura vivendo no distrito, 13,63% apreciam a vizinhança e 4,54% mencionaram motivos religiosos. Por fim, 4,54% expressaram o desejo de se mudar no futuro.

Como principais incentivos para continuar com agricultura, foram citados: motivar outras pessoas a praticar agricultura, satisfação pessoal em plantar, a prática saudável, economia, o prazer em doar para o próximo, distração e a possibilidade de inserção no mercado de trabalho sem necessidade de alto nível de escolaridade, além do fácil acesso aos recursos necessários. Quanto às mudanças desejadas no trabalho agrícola, as respostas incluíram: aumento da área de produção (17,64%), acesso a insumos agrícolas (11,76%) mais conhecimento técnico (17,65%), parcerias agrícolas (5,88%), busca por melhor qualidade de vida (5,88%), criação ou participação em cooperativas (5,88%), e 17,64% não desejariam mudar nada.

Distrito de São Gonçalo do Amarante

As entrevistadas compartilharam suas ocupações profissionais, destacando que 45,46% delas estão envolvidas na agricultura ou em atividades relacionadas ao campo. Além disso, 18,18% trabalham no comércio, 18,18% realizam trabalhos domésticos, 9,09 estão em trabalhos autônomos e 9,09% dedicam-se ao lar. Quanto aos companheiros das entrevistadas, 37,5% trabalham na agricultura ou em áreas relacionadas, 25% no comércio, 12,5% no funcionalismo público, 12,5% na construção civil e 12,5% não estão empregados.

As agricultoras foram indagadas sobre o que as motivou a investir na agricultura, com 45,46% citando razões hereditárias, 27,27% mencionando a satisfação pessoal, 18,18% influência de outras pessoas e 9,09% buscando uma fonte de renda. Quanto às

dificuldades enfrentadas, 27,28% não relataram dificuldades significativas. No entanto, entre aqueles que mencionaram desafio, 18,18% apontaram conflitos fundiários, 18,18% o baixo preço dos produtos, 9,09% a falta de incentivos governamentais, 9,09% problemas com pragas e 9,09% o cansaço do trabalho. Em relação à discriminação, nenhuma entrevistada afirmou sofrer, e três delas destacaram ser bem tratadas e valorizadas por outras pessoas, inclusive pela qualidade de seus produtos. Em média, as entrevistadas demonstraram alto grau de satisfação (nota 4) em trabalhar com agricultura familiar.

Sobre a preferência de viver no distrito, as entrevistadas apresentaram 11 motivos diferentes, com 45,46% apreciando a tranquilidade do local, 18,18% gostando da vizinhança, 9,09% identificando-se com o lugar e outros 9,09% destacando a qualidade ambiental e a praticidade de deslocamento. Quanto questionadas sobre a possibilidade de mudar do distrito, 81,82% afirmaram não ter interesse em sair, enquanto as outras mencionaram a falta de adaptação ao meio rural como motivo para considerar uma mudança.

As principais motivações das entrevistadas para continuar na agricultura incluem o prazer de ver o desenvolvimento dos cultivos, a autonomia de produzir em vez de comprar, a segurança alimentar sem agrotóxicos, o atendimento à clientela, a habilidade de plantio, o costume, o interesse em aprender, a necessidade de subsistência e a satisfação pessoal. A maioria (60%) pretende continuar na agricultura familiar. Quanto às mudanças desejadas no trabalho agrícola, algumas entrevistadas mencionaram desejos como manter uma boa saúde, adquirir mais conhecimento técnico, criar ou apoiar cooperativas, empreender e ter acesso a facilidades de irrigação.

Distrito de São Miguel do Cajuru

As entrevistadas compartilharam suas trajetórias profissionais, revelando que a maioria (78,57%) está envolvida na agricultura ou em atividades relacionadas ao campo (Figura 3). Além disso, 14,28% dedicaram-se ao lar sem remuneração, e 7,15% realizaram trabalhos domésticos em casas de terceiros. Em relação aos companheiros das entrevistadas, 41,66% estão na agricultura ou em áreas afins, enquanto 16,66% trabalham no comércio, 16,66% em atividades informais, 8,34% no funcionalismo público, 8,34% na construção civil e 8,34% em serviços de caseiros.

Figura 3 – Registro de agricultura cuidando de seus cultivares em São Miguel do Cajuru.



Fonte: Autores, 2022.

As agricultoras foram indagadas sobre o que as motivou a investir na área agrícola. Duas delas apontaram o fator hereditário como principal justificativa, enquanto outras duas mencionaram o desejo de alcançar renda própria. Houve outras razões isoladas, como a necessidade após migração da área urbana para o campo, a intenção de economizar com compras, o domínio natural para o plantio, o desejo de consumir alimentos de qualidade e a busca por aprendizado na agricultura.

Quanto às dificuldades enfrentadas, duas entrevistadas relataram não encontrar dificuldades significativas ou consideraram a situação “tranquila”. Duas delas mencionaram desafios relacionados às condições climáticas adversas, com a falta de água durante períodos de estiagem, enquanto outras duas mencionaram problemas de saúde pessoal. Quatro entrevistadas apontaram as pragas como principal problema e houve queixas sobre a falta de maquinários e insumos.

Em relação à discriminação devido ao gênero, duas entrevistadas mencionaram serem discriminadas devido às condições físicas que dificultam o trabalho agrícola, enquanto outra foi admirada pelo trabalho que realiza. Quanto ao grau de satisfação, a média foi de 4,28, numa escala de 1 (insatisfeita) a 5 (muito satisfeita). Quanto questionadas sobre a possibilidade de mudar do distrito, 35,71% das entrevistadas expressaram esse desejo, citando motivos como busca por educação, falta de oportunidades de trabalho no distrito e desejo de estabelecer novos relacionamentos.

Por fim, as principais motivações das entrevistadas para continuar na agricultura incluem o apreço por produtos naturais, a preferência por uma alimentação livre de agrotóxicos, a satisfação de trabalhar em família, a possibilidade de geração de renda, o costume de praticar a agricultura e o desejo de independência. A maioria (57,41%) pretende continuar na agricultura familiar, enquanto 4,86% não tem essa intenção. Em relação ao que desejariam para melhorar suas condições de trabalho, algumas mencionaram o desejo de ter um terreno maior, outras apontaram o cansaço físico como motivo para diminuir a prática agrícola, uma expressou o desejo de adquirir maquinário, outra mencionou a necessidade de mais disponibilidade de água, uma sugeriu a redução de pragas e duas não expressaram nenhum desejo de mudança, considerando a situação atual adequada.

Distrito de São Sebastião da Vitória

As entrevistadas compartilharam suas experiências profissionais, com 30,77% trabalhando na agricultura ou em atividades relacionadas ao campo, 7,69% no comércio, 38,46% em trabalhos domésticos, 7,69% em trabalhos autônomos fora de casa e 7,69% como profissionais liberais. Quanto aos companheiros, 30% estão na agricultura ou áreas afins, 30% no comércio, 20% em atividades autônomas, 10% em trabalhos domésticos e 10% na construção civil.

Quando questionadas sobre o que as motivou a investir na agricultura, 30,7% mencionaram a busca por uma alimentação mais saudável, 23,07% o fator hereditário, 23,07% a satisfação profissional, 7,69% influência de outras pessoas, 7,69% a oportunidade de geração de renda e 7,69% a subsistência. Em relação às dificuldades enfrentadas, 46,16% não relataram dificuldades significativas, enquanto outras mencionaram desafios como conflitos fundiários, trabalho cansativo, condições climáticas adversas, pragas, problemas com insumos e falta de orientação técnica.

Quanto à discriminação por trabalharem com cultivo, 84,62% das entrevistadas declararam não sofrer nenhum tipo de discriminação, enquanto 15,38% relataram serem chamadas de “roceiras” e sentirem que seu trabalho não é valorizado. A média de satisfação em trabalhar com agricultura familiar foi de 4,84, numa escala de 1 (muito insatisfeita) e 5 (muito satisfeita).

Em relação ao gosto de viver no distrito, foram citados 17 motivos diferentes, com 41,18% das entrevistadas apreciando a tranquilidade do local, 17,76% gostando da vizinhança, 17,64% identificando-se com o lugar, 17,64% valorizando a qualidade ambiental, 5,88% satisfeitas com o baixo custo de vida e 5,88% expressando insatisfação devido à falta de opções. Quanto à possibilidade de mudar do distrito, 76,93% das entrevistadas afirmaram não tem interesse em fazê-lo, enquanto outras mencionaram a necessidade de encontrar emprego e a curiosidade de conhecer outros lugares.

As principais motivações para continuar trabalhando com a agricultura incluem a subsistência e a possibilidade de geração de renda, a familiaridade com a atividade, a economia ao produzir alimentos em vez de comprá-los, a interação social e a crença na saúde dos alimentos produzidos. A maioria (92,30%) pretende continuar na agricultura familiar. Quando questionadas sobre as mudanças desejadas no trabalho agrícola, algumas mencionaram a necessidade de mais insumos agrícolas, mais conhecimento técnico, aumento da produtividade, melhoria da qualidade de vida, criação de cooperativas e melhor infraestrutura.

Discussão dos Resultados

Devido à necessidade de um detalhamento mais aprofundado da questão de gênero, optou-se por selecionar dois distritos do município de São João del-Rei: Santo Antônio do Rio das Mortes e Emboabas, para uma análise comparativa dos resultados dos dados coletados em campo. A escolha desses distritos baseou-se em suas características distintas e bem definidas. O primeiro destaca-se por possuir uma sede distrital (área urbana) mais extensa, uma proximidade maior com a sede municipal, ser mais populoso e apresentar características marcantes urbanas – inclusive abrigando o distrito industrial do município. Já o segundo distrito é o mais isolado de todos e, em termos de observação, representa o ambiente rural de forma mais típica.

No contexto analisado, compreender o que é o urbano e o que é rural torna-se essencial para uma melhor analogia. Embora não haja um conceito universal que determine claramente essas categorias, muitos autores na literatura geográfica destacam alguns aspectos clássicos. Monte-Mór (2006) ressalta que nas cidades (e no campo, com articulação nas cidades) são construídas as forças socioculturais, econômicas e políticas,

que moldaram o Brasil, gerando seu espalho urbano regional e ainda em desenvolvimento. Por outro lado, Gomes (2008) observa que a definição e identificação do rural e urbano foram, por muito tempo, relativamente simples, com o rural sendo considerado distintivo, separado ou simplesmente oposto ao urbano. No entanto, atualmente, percebem-se transformações ocorrendo no ambiente rural, levando muitos estudiosos a sugerir seu declínio.

Apesar de alguns teóricos sugerirem que a conceituação urbano-rural possa desaparecer, é importante mantermos esse objeto de estudo. Mesmo em espaços geográficos complexos, como observado por alguns, a definição urbano-rural ainda é relevante, especialmente ao analisarmos parâmetros como paisagem e demografia, que relevam características distintas entre esses ambientes (Gomes, 2008). No que diz respeito ao espaço urbano, Corrêa (2000) aborda essa temática, fornecendo um contexto abrangente sobre esse ambiente:

O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicional social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultante de ações acumuladas através do tempo. E engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço. São agentes sociais concretos, e não um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção e dos conflitos de classe que dela emergem. A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura e mudança, coercitiva o não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade (Corrêa, 2000).

Seguindo as ideias do autor, o espaço urbano é caracterizado por áreas que experimentaram uma transformação estrutural abrangente, envolvendo aspectos sociais, culturais e econômicos. Essas áreas tendem a uma constante mudança em sua paisagem e cenário, devido à dinâmica do desenvolvimento urbano. Essa dinâmica engloba fatores como conurbação, verticalizações e mudanças demográficas resultantes de atividades laborais, migrações e manifestações sociais.

A conceituação do espaço rural foi historicamente tratada como uma proposta oposto ao espaço urbano. No entanto, essa dicotomia nem sempre reflete a realidade atual, especialmente com o avanço da tecnologia e a melhoria dos meios de transporte, que trouxeram características anteriormente associadas apenas ao espaço urbano para o ambiente rural. Portanto, o entendimento do espaço rural deve ser fundamentado na sua

caracterização em relação à área de estudo específica, como São João del-Rei, considerando as ideias de Gomes (2008) sobre as diferentes percepções e concepções do rural como um meio geográfico particular.

Durante o trabalho de campo, observou-se que as regiões do interior de São João del-Rei apresentavam uma densidade demográfica mais baixa, bem como uma infraestrutura, rede de serviços menos desenvolvidos, em comparação com as áreas mais urbanizadas. Embora nem todos os elementos típicos das áreas urbanas estejam presentes, São João del-Rei exibe essa caracterização em certos momentos, de maneira mais ou menos frequente. Por exemplo, a prática da agricultura é visível mesmo em áreas mais urbanas, porém os terrenos particulares nas áreas rurais rendem-se a ser significativamente maiores, permitindo cultivos em maior escala.

Terrado (2010) acrescenta, seguindo essa linha de raciocínio, que as áreas rurais evoluíram de uma função essencialmente agrária, voltada para o fornecimento de alimentos, matérias-primas e mão de obra para as cidades, para um perfil mais diversificado e multifuncional. Nesse contexto, aspectos como a disponibilidade de cobertura de telecomunicações para o uso de aparelhos eletrônicos, como celulares e computadores, a organização de eventos turísticos que atraem visitantes de outras regiões e determinados aspectos culturais dos residentes foram identificados. Além disso, há relatos de preocupação em relação à violência e ao comportamento de imigrantes permanentes que podem perturbar a tranquilidade local em determinados momentos.

Esse contraste entre o ambiente urbano e rural é de suma relevância, uma vez que o objetivo central do presente trabalho está fundamentado nos fatores socioeconômicos sob a perspectiva da mulher. Portanto, compreender as distinções entre esses dois contextos é fundamental para entender as nuances e características do papel feminino nessas localidades e busca análises por meio dessa observação.

No entanto, é essencial destacar que a prática agrícola não se limita exclusivamente a áreas consideradas rurais. Tanto a agricultura empresarial quanto a camponesa podem ser encontradas em diversos contextos, inclusive em áreas urbanas. Portanto, há uma diversidade interna na região de estudo onde a atividade agrícola é realizada, e uma análise embasada nessa comparação torna-se essencial. Dessa forma, torna-se mais compreensível a análise dos dois distritos selecionados, a saber: Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno (com um perfil mais urbano) e Emboabas (com um perfil mais rural).

Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno está situado a uma distância de 11 km do centro de São João del-Rei. Este distrito possui uma boa acessibilidade, uma vez que o trecho entre os dois pontos é totalmente pavimentado. Entre todos os distritos, este foi o que registrou o maior número de agricultoras que utilizam sua produção para fins de venda. Esse cenário se deve à sua proximidade com a sede de São João del-Rei, facilitando para os agricultores se deslocarem até o centro do município para comercializar seus produtos.

Em contrapartida, o distrito de Emboabas está localizado a uma distância de 33 km de São João del-Rei e não possui acessos pavimentados até o local. Durante a pesquisa de campo, não foram identificadas mulheres que utilizassem a agricultura familiar como fonte de renda, e apenas um agricultor do sexo masculino afirmou praticar atividades agrícolas com esses propósitos. A falta de acesso pavimentado e a distância até a área comercial central de São João del-Rei foram apontados como as principais razões para a falta de incentivo dos agricultores em utilizar a agricultura para fins comerciais. Eles relataram grandes dificuldades em se deslocar até a sede do município, onde poderiam comercializar seus produtos com maior facilidade.

A maioria dos residentes do distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno dedicou a maioria de suas vidas a trabalhos mais urbanos do que rurais, como trabalhos domésticos e na construção civil. Essa dinâmica pode sugerir um processo de êxodo urbano, já que quase 30% dos entrevistados residem no distrito há menos de 20 anos. É possível que essas pessoas tenham nascido no campo, migrado para a cidade durante períodos de intensificação da urbanização e industrialização, e agora estejam retornando, uma possibilidade que merece ser mais aprofundada em estudos futuros. Nesse contexto, a maioria dos agricultores, tanto homens quanto mulheres, afirmou que a principal motivação para cultivar é o aprendizado adquirido com seus familiares. Portanto, independentemente onde essas pessoas tenham vindo, é provável terem passado sua infância ou adolescência no meio rural, onde aprenderam a trabalhar com a terra.

A maioria das agricultoras entrevistadas em Emboabas relatou ter trabalhado na agricultura ao longo de suas vidas, assim como seus esposos. A maioria delas também mencionou ter passado a maior parte de suas vidas trabalhando em casa, sem remuneração. No entanto, houve poucos relatos de experiências com trabalhos urbanos. Com base nessa análise, é possível observar que a taxa de migração nessa

área tende a ser menor, uma vez que cerca de metade dos entrevistados reside no distrito há pelo menos 30 anos.

Pode-se inferir que a motivação para buscar moradia na zona rural seja a busca por segurança, bem-estar social e qualidade de vida, uma vez que a sensação de tranquilidade foi frequentemente mencionada pelos entrevistados. Além disso, o preço das terras também pode ser um fator determinante, considerando que pesquisas recentes apontam para um aumento dos assentamentos informais, o que, de acordo com Abramo (2007), está associado a uma urbanização fordista acelerada e excludente. Com o aumento dos custos de aluguel nas metrópoles, mais pessoas buscam adquirir propriedades menos dispendiosas. Em São João del-Rei essa tendência pode estar ligada aos distritos rurais, que oferecem tranquilidade e moradias economicamente mais acessíveis, resultando em um custo de vida mais atrativo.

Observou-se que, no distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, as entrevistadas não demonstraram nenhum incômodo em relação às questões sobre discriminação de gênero. O tom de voz utilizado durante essas perguntas foi normal, sem sinais de desconforto. Vale ressaltar que a maioria das entrevistadas não tinha uma compreensão clara do significado da palavra ‘discriminação’, corroborando com o alertado por Calió (1997) e destacado na introdução desse artigo acerca das “normas, valores e expectativas sociais” que acabam por influenciar comportamentos que perduram até o presente.

No distrito de Emboabas, foi observada uma percepção semelhante em relação à discriminação, porém com algumas ressalvas. Nesse distrito, as entrevistadas deram justificativas mais elaboradas para as situações em que se sentiram discriminadas. Houve relatos de experiências com pessoas da minha família que me rejeitavam devido à minha "pobreza" ou "me chamavam de feia por estar com as mãos sujas". Essas declarações provocaram um desconforto aparente nas agricultoras. Reconhece-se aqui uma limitação em não ter observado aspectos mais detalhados, como o tempo dedicado às tarefas domésticas por essas mulheres. Isso porque o foco da presente pesquisa estava nas atividades agrícolas. No entanto, há uma consciência de que detalhes como esses e outros poderiam indicar, sim, uma discriminação de gênero entre as mulheres envolvidas na agricultura familiar do município.

Assim, foram identificadas algumas diferenças interessantes entre os distritos. Em Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, a maioria das mulheres mencionou a satisfação pessoal como principal motivo para investir na agricultura, enquanto os homens destacaram a qualidade da alimentação saudável. Por outro lado, no distrito de Emboabas, houve uma variedade de justificativas, mas é notável o desejo de uma agricultora em utilizar esse trabalho como fonte de renda, considerando especialmente os desafios presentes nesse contexto. Além disso, tanto em Santo Antônio do Rio das Mortes quanto em Emboabas, os jovens demonstraram mais entusiasmo pelo trabalho agrícola, enquanto os residentes mais antigos estão mais conscientes dos problemas e das dificuldades enfrentadas na prática agrícola.

É essencial destacar que um planejamento de políticas públicas para apoiar esses agricultores é fundamental para impulsionar sua motivação e seu trabalho. Além disso, uma análise futura poderá revelar se há mais disparidade entre características de gênero, níveis de investimento na agricultura ou até mesmo a continuidade da prática por parte daqueles que já exercem.

Considerações Finais

Este estudo aborda uma parcela da sociedade historicamente negligenciada em termos de investimento e infraestrutura, tanto em oportunidades sociais quanto econômicas. As mulheres envolvidas na agricultura familiar ocupam uma posição subestimada na escala de inclusão e valorização. É notável que, apesar do levantamento produtivo, não há diferença entre homens e mulheres na produção, e, na verdade, várias cultivares foram identificadas em maior número pelo gênero feminino.

A agricultura desempenhou um papel essencial na ocupação do território e mantém uma grande relevância econômica, social e ocupacional. Este padrão histórico de uso tende a persistir, dada a importância fundamental da agricultura para o sustento das famílias. Neste contexto, a agricultura familiar sempre exigiu estudos, suporte e incentivos. Infelizmente essa importante fonte econômica carece de pesquisas e apoio técnico por parte dos governantes, especialmente nas áreas rurais, onde o acolhimento aos agricultores nem sempre é satisfatório.

Conforme observado por Gomes (2008), o campo é uma construção social sujeita a mudanças, exigindo planejamento de ações futuras para compreender melhor os conhecimentos adquiridos. Diagnosticar enigmas não resolvidos e verificar evoluções ou retrocessos em relação às problemáticas identificadas é essencial para o desenvolvimento da agricultura familiar local. Para isso, é crucial o envolvimento de uma ampla gama de pessoas e apoio de todas as esferas envolvidas. Socialmente, o desenvolvimento desse setor é de suma importância, pois sua relevância se estende não apenas às mulheres envolvidas, mas também a suas famílias e comunidades locais.

Os investimentos nessa área podem trazer inúmeros benefícios. Como mencionado por Gomes (2008), as atividades agrícolas proporcionam contato direto com a natureza, enquanto o manejo agrícola sem o uso excessivo de agrotóxicos e fertilizantes químicos, observado pelas agricultoras em São João del-Rei, é um indicador positivo da qualidade alimentar.

Além disso, a prática da atividade agrícola pode ter benefícios para a saúde mental, como relatado por entrevistados, embora devamos reconhecer que homens e mulheres podem vivenciar essa experiência de maneira diferente devido às disparidades de gênero, conforme destacado por Leite *et al.* (2017).

Portanto, os conhecimentos adquiridos neste estudo devem ser utilizados como base para futuras pesquisas acadêmicas e políticas públicas em São João del-Rei, a fim de contribuir para o desenvolvimento contínuo e aprimoramento da dinâmica território e social.

Referências

ABRAMO, P. **A Cidade Caleidoscópica**: coordenação espacial e Convenção Urbana: uma perspectiva heterodoxa para a economia urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 366p.

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. **Reforma Agrária**, [S./l.], v. 28, n. 1, p. 2-16, 1998.

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 511p.

BRUGGER, S. M. J. **Minas Patriarcal**: família e sociedade (São João del-Rei – séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007. 381p.

- BUTTO, A. Políticas para as mulheres rurais: autonomia e cidadania. *In: CARDOSO, M. V. E. A importância da atuação da mulher na agricultura rural.* Porto Alegre: ed. UFRGS. 2017. p. 11-36.
- CALIÓ, S. A. Incorporando a questão de gênero nos estudos e no planejamento urbano. *In: ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 6., 1997. Anais...* Buenos Aires, Argentina. p. 1-9, 1997.
- CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 22-55, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100003>
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano.** São Paulo: Editora Ática, 2000. 123p.
- DINIZ, R. F.; CASTRO NETO, C. de; HESPANHOL, A. N. A emergência dos mercados institucionais no espaço rural brasileiro: agricultura familiar e segurança alimentar e nutricional. **GEO UERJ**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 234-252, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/geouerj.2016.19161>
- GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business.** Wallingford: Cab International, 1993.
- GOMES, I. **(RE)pensando e (RE) qualificando o rural:** uma contribuição da Geografia ao debate. 2008. 152 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- GRAÇA FILHO, A. de A. **A Princesa do Oeste e o Mito da Decadência de Minas Gerais:** São João del-Rei 1831-1888. São Paulo: Annablume, 2002. 255p.
- HEREDIA, B. M. A. **A morada da vida:** trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário.** Cidades: São João del-Rei. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei/panorama>. Acesso em: 10 out. 2023.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malha Municipal.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/sao-joao-del-rei.html>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- LEITE, J. F. *et al.* Condições de vida, saúde mental e gênero em contextos rurais: um estudo a partir de assentamentos de reforma agrária do Nordeste Brasileiro. **Avances en Psicología Latinoamericana**, [S./l.], v. 35, n. 2, p. 301-316, 2017. DOI: <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4768>

- MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing**: uma orientação aplicada. São Paulo: Bookman, 2012. 800p.
- MELO, A. P. G. de. **Agricultura familiar e economia solidária**. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2006.
- MESQUITA, L. A. P. de. **O papel das mulheres na agricultura familiar**: a comunidade rancharia, Campo Alegre de Goiás. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/legislacao/outros_atos/resolucoes/Resolucao_CNS_MS_n_466_de_12122012.html. Acesso em: 10 out. 2023.
- MONTE-MÓR, R. L. As Teorias Urbanas e o Planejamento Urbano no Brasil. In: DINIZ, C. C.; CROCCO, M. **Economia Regional e Urbana**: contribuições teóricas recentes. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MOURA, M. M. **Os herdeiros da terra**: parentesco e herança. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- SANGALLI, A. R. SCHLINDEIN, M. M. A contribuição da agricultura familiar para o desenvolvimento rural de Mato Grosso do Sul, Brasil. **REDES**: Revista do Desenvolvimento Regional, [S./l.], v. 18, n. 3, p. 82-99, 2013.
- SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 253p.
- SILVA, J. M. Um ensaio sobre as potencialidades d uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.
- SOUZA, V. C. A. de. **Espaço relacional**: características espaciais que propiciam interações interpessoais de reciprocidade. 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- TERRADO, P. R. Midelización de los Câmbios y Evolución Reciente del Sistema Rural Español. **BAGE**: Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles, [S.l.], n. 54, p. 203-235, 2010.
- UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei. **Anuário Estatístico**. São João del-Rei: UFSJ, 2016. 48p.
- YIN, R. **Pesquisa Qualitativa do início ao Fim**. Porto Alegre: Penso, 2016. 336p.

Recebido em 15/06/2024.
Aceito para publicação em 18/10/2024.